

Capítulo 11

Amazônia e C&T na cobertura da imprensa brasileira: Caso dos jornais Folha de S. Paulo e O Globo

Silvia Fujiyoshi¹

Maria Conceição da Costa²

Resumo

Este capítulo apresenta uma análise quantitativa e qualitativa da cobertura da imprensa brasileira sobre o tema “Amazônia” e “ciência e tecnologia” (C&T) a partir do estudo de caso dos jornais *Folha de S. Paulo* e *O Globo*, no período de 2000 a 2003.

O estudo alerta, em primeiro lugar, para a lacuna de informações sobre a Amazônia, uma das regiões de maior biodiversidade e riqueza sócio-cultural do planeta. Além disso, aponta que a hipótese da comunidade acadêmica, científica e jornalística sobre o crescimento da cobertura da imprensa sobre a C&T, nos últimos anos, certamente se deve muito mais ao surgimento de novos órgãos de comunicação do que à importância dada pelos meios de comunicação consolidados no mercado ao tema. Estes, pelo contrário, ainda mostram significativa restrição na cobertura.

Introdução

O desconhecimento sobre a realidade da Amazônia se refere não somente à falta de dados concretos sobre as dimensões da riqueza natural e sócio-cultural da região, mas também à ausência de informações básicas sobre as relações sociais lá existentes e as influências globais de suas funções

¹ Jornalista e mestranda do Departamento de Política Científica e Tecnológica, do Instituto de Geociências, da Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP/ hiromi@ige.unicamp.br

² Socióloga e professora do Departamento de Política Científica e Tecnológica, do Instituto de Geociências, da Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP/ dacosta@ige.unicamp.br

ecológicas. A lacuna de informações não se dá apenas na sociedade civil, mas, também, no seio da comunidade científica.

Observamos cientistas brasileiros e estrangeiros reunindo competências e experiências, e se mobilizando para solucionar ou amenizar a lacuna sobre a biodiversidade, desenvolvendo significativos esforços de pesquisa³. Entretanto, pouco desses esforços tem sido apontado nos meios de comunicação de massa.

O surgimento de novos órgãos de divulgação científica reflete um crescimento da cobertura jornalística sobre Ciência e Tecnologia (C&T), mas, análises sobre as proporções desse tipo de notícias nos meios de comunicação já consolidados no mercado mostram uma tendência contrária, com a redução gradativa da quantidade de matérias científicas nos últimos anos.

Infelizmente, os novos órgãos de divulgação não possuem a mesma abrangência de público dos meios consolidados e, por isso, certamente, o impacto da redução das notícias é maior e não é compensado pela cobertura da mídia iniciante.

Diante de um cenário em que a tecnologia da informação é um dos principais agentes das relações sociais, fica ainda mais evidente o importante papel da imprensa. Seu poder aumenta nas mesmas proporções em que os meios de comunicação são incorporados ou se tornam até indissociáveis do cotidiano do homem contemporâneo. Em certa medida, aquilo que é divulgado pela imprensa contribui na formação da opinião pública e respalda ou provoca o desenvolvimento de políticas públicas no país.

Os meios de comunicação de massa ou a grande imprensa são um dos maiores responsáveis pela difusão dos conceitos de C&T na sociedade. Conforme apontam os Indicadores de Ciência, Tecnologia e Inovação do Estado de São Paulo desenvolvido pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp), em 2001, “nesse contexto, em que são crescentes a complexidade e a velocidade do desenvolvimento científico-tecnológico, pode-se dizer que a agenda de notícias sobre C&T,

³ Tese de doutorado intitulada “Pesquisas científicas estrangeiras na Amazônia: Da fiscalização das expedições à cooperação internacional”, que trata de um estudo de caso sobre o Instituto Nacional de Pesquisa da Amazônia (Inpa), defendida pelo jornalista William Gama, em 2004, no Departamento de Política Científica e Tecnológica da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), entre outros trabalhos.

apresentada pelos meios de comunicação de massa à sociedade, influencia muito a discussão, aprovação ou reprovação do direcionamento dado à pesquisa no País” (FAPESP, 2001: 11-3).

Embora a informação seja capital no desenvolvimento científico e tecnológico de um país, no Brasil observa-se que as empresas jornalísticas têm restringido a sua cobertura sobre a Amazônia por limitações de recursos humanos e dificuldades geográficas em acessar tais notícias, ainda que a grande imprensa se esforce em manter pelo menos um repórter-correspondente ou jornalistas *free-lancers* nas principais cidades daquela região. Ter um correspondente tem possibilitado à grande imprensa fazer alguma reportagem especial sobre a Amazônia, abordando questões científico-tecnológicas. Muitas revistas eletrônicas de organizações não-governamentais que atuam em pesquisa e meio ambiente possuem seções específicas sobre aquela região, e as próprias *homepages* oficiais do governo brasileiro conferem tratamento especial ao assunto.

Entretanto, dados sobre a quantidade de textos em meios de comunicação consolidados, como os jornais *Folha de S. Paulo* e *O Globo*, indicam uma redução gradativa da cobertura sobre os temas “Amazônia” e “C&T” entre os anos 2000 e 2003.

Biodiversidade e riqueza sócio-cultural da Amazônia

O Brasil possui nada menos que 60% dos cerca de seis milhões de quilômetros quadrados de toda a extensão da floresta amazônica (CAPOBIANCO, 2001: 13), o que equivale a 26% das florestas tropicais remanescentes do planeta. Enquanto somente 20 espécies de plantas respondem por 85% do cardápio de alimentação mundial, cerca de 1.300 espécies nativas da Amazônia são usadas na medicina tradicional dos povos da região.

Apesar da biodiversidade amazônica e brasileira, mais de 40% das exportações do País se baseiam em espécies exóticas, como café, laranja, a soja e cana-de-açúcar e, além disso, na pauta de importação, o aproveitamento da diversidade local é mínimo. Dados do Ministério da Ciência e Tecnologia (MCT, 2001: 176), apontam que importamos desde eucalipto da Austrália e pinheiros de países da América Central, até forrageiras africanas. A restrição

no aproveitamento das potencialidades naturais do País, muitas vezes, é reflexo das limitações sobre o conhecimento científico e tecnológico disponível, e não apenas resultado de interesses econômicos e políticos envolvidos.

Num momento em que o mundo se depara com a questão do esgotamento dos recursos hídricos, a Amazônia esbanja a posse de uma bacia hidrográfica que é responsável por cerca de 20% de toda a água doce despejada nos oceanos do planeta. A Bacia Amazônica abrange uma área de cerca de 6,1 milhões de quilômetros quadrados e, em média, despejando mais de 200 mil metros cúbicos de água por segundo (ANA, 2003).

Segundo o documento “Gestão da Água no Brasil”, das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (Unesco), a disponibilidade hídrica brasileira corresponde à metade de todos os recursos hídricos da América do Sul e a 11% do que existe no mundo. A Amazônia Brasileira concentra mais de 70% do total de vazão d’água gerada no País. A Bacia Amazônica abrange uma área de cerca de 6,5 milhões de quilômetros quadrados (UNESCO, 2001: 34).

Entretanto, esse potencial nem sempre é aproveitado adequadamente. Na grande maioria das vezes, a exploração de qualquer recurso natural amazônico esbarra na falta de informações científicas sistematizadas e na ausência de tecnologias apropriadas que viabilizem seu uso sustentável. Para vencer esses gargalos, governos, instituições de ensino e pesquisa, e iniciativa privada, vêm desenvolvendo discussões nos últimos anos.

Esses assuntos são prioritários no âmbito das políticas públicas em geral e deveriam ter destaque na imprensa nacional e internacional. Os interesses sociais, políticos, econômicos e ambientais que envolvem os recursos naturais da Amazônia, e, mais ainda, os esforços da comunidade científica na descoberta de soluções tecnológicas e inovações, deveriam ter tratamento especial na mídia. Mas, isso nem sempre acontece.

Perfis básicos dos jornais *Folha de S. Paulo* e *O Globo*

O perfil editorial e mercadológico das empresas jornalísticas é uma informação fundamental para contextualizar a prática profissional do repórter ou do editor sobre a abordagem das reportagens ou a própria seleção dos assuntos de pauta. Parte-se do pressuposto de que a partir desse perfil,

algumas posições políticas da empresa sejam externadas e relacionadas com a linha editorial publicada nos jornais.

Vale ressaltar, portanto, que “o discurso da imprensa, novamente como todas as formas de discurso, relata sua própria posição institucional e econômica, e em circunstâncias particulares para diferentes documentos. Agora, está um pouco mais claro que a maior parte dos destaques econômicos da imprensa combina com a importância única de (re)produzir a ideologia” (FOWLER, 1996: 120).

De acordo com o levantamento do Instituto Verificador de Circulação (IVC – Mídia Dados 2005), o *Folha de S. Paulo* é, atualmente, o jornal brasileiro de maior tiragem e circulação. São cerca de 300 mil exemplares em média por edição em todo o País, chegando a 375 mil nos domingos. Conforme informações disponíveis na *homepage* institucional do órgão de imprensa, o jornal teria se consolidado nesta posição de liderança no mercado de comunicação a partir da campanha de redemocratização do país, em 1984, “quando empunhou a bandeira das eleições diretas para presidente”.

O jornal possui sete cadernos diários, entre os quais está a “Folha Ciência”, que traz “notícias sobre as últimas descobertas e pesquisa mais recentes e importantes no Brasil e no mundo, com especial atenção para o didatismo e para o uso de recursos visuais na explicação de assuntos complexos”. Além disso, circulam semanal e alternadamente, quatorze suplementos, como o “Folha Equilíbrio”, dedicado aos temas de saúde e qualidade de vida, podendo, eventualmente, ter alguma abordagem de assuntos científicos.

O *Globo*, por sua vez, também conforme as informações da *homepage* oficial do jornal, caracteriza-se por manter posição de liderança nas classes A e B, especialmente no Estado do Rio de Janeiro, estando entre os três maiores jornais de circulação no país. De acordo com o IVC, a média de circulação do *Globo* em dias úteis é de mais de 250 mil exemplares e chega a quase 360 mil nas edições de domingo. Este jornal também possui uma seção específica sobre ciência entre seus cadernos diários.

Amazônia e C&T na imprensa brasileira

O levantamento das matérias nos jornais *Folha de S. Paulo* (FSP)

e *O Globo* (OG) foi realizado através de ferramentas de busca que estão disponíveis na *internet*. Abrangendo o período de janeiro de 2000 a dezembro de 2003, foi realizada uma busca com as palavras-chave “Amazônia”, “ciência” e “tecnologia”, e, ainda, dessas duas últimas palavras relacionadas com a primeira, ou seja, “ciência & Amazônia” e “tecnologia & Amazônia”.

Conforme apresentado no Gráfico 1, a primeira constatação visível é de que a quantidade de matérias no FSP é superior ao do OG em praticamente todas as combinações de busca. No total, entre 2000 e 2003, o FSP publicou 3.171 textos com a citação da palavra “Amazônia”, enquanto que o OG publicou 3.052.

Somente em 2002 o OG superou as ocorrências do FSP (1.007 contra 793 textos). Mas, isso não significa que o jornal carioca deu maior importância aos temas amazônicos nesse ano. Apesar dos levantamentos mostrarem que os números em 2002, na verdade, refletem uma tendência de crescimento que partiu do ano anterior, quando também foi registrada a maior ocorrência de textos citando “Amazônia” no FSP (992 textos), considerando o período analisado neste trabalho, a concentração da cobertura em somente um ou dois anos mostra, no máximo, uma intensificação passageira do tema como pauta.

O aumento eventual de ocorrências certamente foi provocado por algum fato pontual e não se referiu a uma mudança na linha editorial ou na escala de valor das pautas nas empresas jornalísticas.

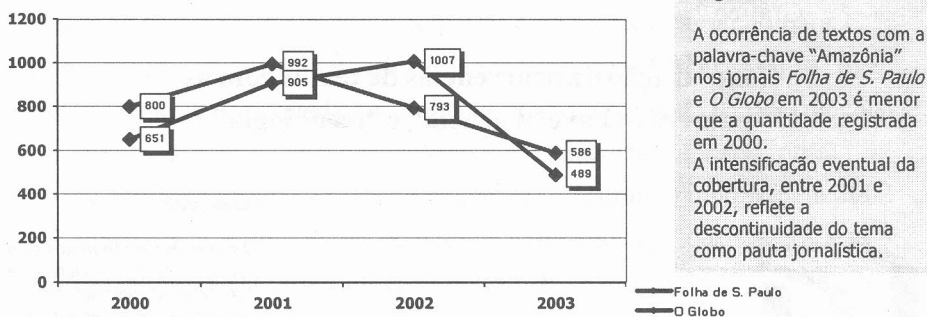
No FSP, nos anos subsequentes a esse fato, foram registradas ocorrências até menores do que o primeiro ano de pesquisa. Isto é, a quantidade de notícias que mencionam a Amazônia, em 2002 e 2003, foi menor do que a de 2000. No OG, em 2003, foi registrada uma queda brusca para 489 ocorrências.

As análises dos dados levantados na busca sobre a palavra-chave “Amazônia” mostram que a imprensa brasileira ainda vincula sua cobertura jornalística sobre aquela região a eventos pontuais, criando espécies de “boom” de notícias, seguidos de esvaziamentos. Este cenário indica, 1) numa perspectiva amena, que a imprensa brasileira estaria simplesmente submetendo o tema “Amazônia” a um controle rígido de relevância jornalística; ou 2) numa visão mais cética, que a cobertura jornalística daquela

região ainda está fortemente amarrada e submissa às notícias geradas por agências de comunicação, pautando-se nos tradicionais *press releases*. Este caso, certamente, relaciona-se diretamente às limitações físicas e de informações disponíveis para a cobertura jornalística sobre aquela região. Além disso, a falta de investimentos para superar esses gargalos e a tendência defeituosa da abordagem da imprensa sobre a Amazônia, dada a sua importância para o país e o mundo, mostra o desinteresse das empresas jornalísticas na devida valorização do tema.

Gráfico 1

Ocorrência de textos com a palavra-chave “Amazônia”



Mais preocupante do que a cobertura descontínua da imprensa sobre a Amazônia, é a redução da ocorrência dos temas “ciência” e “tecnologia” na mídia, contrariando o discurso predominante, hoje, sobre o crescimento e a valorização do jornalismo científico e das pautas científicas no país, nos últimos anos.

Os dois jornais escolhidos para a análise são alguns dos maiores do País e, certamente, possuem melhores condições físicas e profissionais para a cobertura de temas científicos quando comparados a outros órgãos de comunicação. Entretanto, ao considerar a palavra-chave “ciência”, por exemplo, ambos apresentam redução nas ocorrências de textos no período estudado.

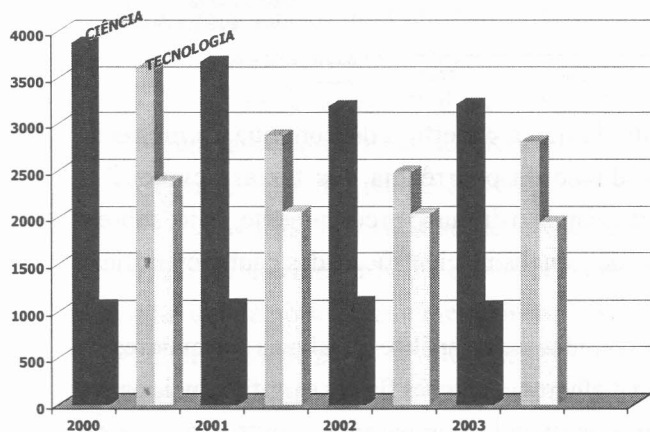
Como se observa no Gráfico 2, no FSP, de 2000 a 2003, foi registrada uma queda de 3.872 para 3.206 ocorrências de textos com a palavra “ciência” – uma redução de mais de 17,2%. No OG, a redução foi bem menos brusca, de 1.063 para 1.046 (1,6% menor). Mas, o universo de

ocorrências é consideravelmente dispare entre os dois jornais. Enquanto o FSP apresenta quase 14.000 ocorrências que mencionam o termo, o OG registra somente pouco mais de 4.000.

O número total de ocorrências entre os dois jornais se aproxima quando a palavra-chave é “tecnologia”: FSP, com 11.771; e OG, 8.402. Em ambos os órgãos jornalísticos, este termo foi mais freqüente no ano de 2000, considerando o período escolhido para a análise. No OG, observou-se uma queda seqüencial da presença da palavra nos textos buscados, chegando em 2003 com apenas 1.942 ocorrências. Enquanto que no FSP, houve uma queda maior em 2002 e uma recuperação no ano seguinte, apesar deste não superar os números do ano de 2000, e indicando queda novamente em 2003.

Gráfico 2

Comparação de ocorrências de textos com as palavras-chave “Ciência” e “tecnologia”



Legenda:

As ocorrências de textos com as palavras-chave “ciência” e “tecnologia” mostra uma tendência decrescente tanto na Folha de S. Paulo quanto no *O Globo*.

Mas, a quantidade de textos encontrados na Folha é bem maior que a do *O Globo*.

Folha de S. Paulo
 O Globo

Ao relacionar as palavras-chave “ciência” e “tecnologia” ao termo “Amazônia”, o resultado foi o esperado: dimensões bastante diminutas e freqüência irregular. Os gráficos 3 e 4 apresentam os dados.

Durante todo o período de análise, o jornal FSP apresentou 540 ocorrências de textos com a combinação das palavras-chave “ciência & Amazônia” e 214 com “tecnologia & Amazônia”. O OG registrou 125 textos

relacionando “ciência & Amazônia” e 149 sobre a busca “tecnologia & Amazônia”.

No jornal carioca, de 2000 a 2002 há uma tendência de crescimento, passando de 24 para 31 e, depois, 42 ocorrências. Mas, em 2003, mostra-se uma queda brusca para 28. Os dados coincidem com o crescimento de ocorrências registradas na busca específica do termo “Amazônia”. Quando se trata da combinação “Tecnologia & Amazônia”, o OG mostra-se completamente oscilante: em 2000, foram registrados 43 textos; em 2001, 33; em 2002, 39; e em 2003, 34. As ocorrências não mostram uma tendência forte nem de queda, nem de ascensão da cobertura jornalística.

No jornal paulista, a primeira combinação indica uma forte tendência de queda na cobertura da imprensa. A trajetória de textos com “ciência & Amazônia” começou, em 2000, com 182 ocorrências, passando para 127, no ano seguinte, e recuperando-se levemente, em 2002, com 134, mas, voltando a uma forte queda em 2003, ao registrar somente 97 ocorrências.

A segunda combinação de palavras-chave na busca no jornal FSP mostra também uma trajetória descendente, registrando um pico em 2002 (63 ocorrências) e uma queda considerável no ano seguinte. Os gráficos 3 e 4 apresentam esses dados em detalhe. E, no gráfico 5, é feita uma comparação entre as ocorrências das palavras-chave combinadas “ciência & Amazônia” e “tecnologia & Amazônia”.

Gráfico 3

Ocorrência das palavras-chave relacionadas “ciência & Amazônia”

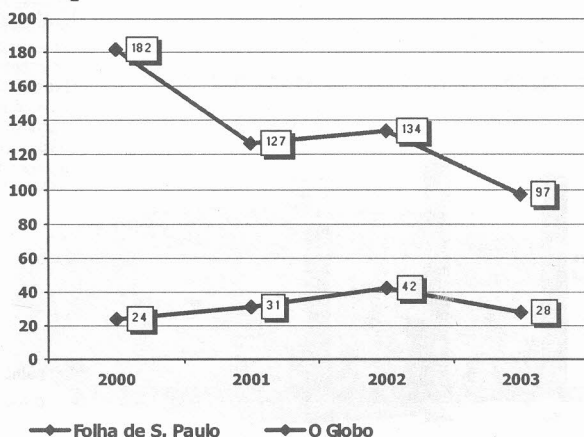
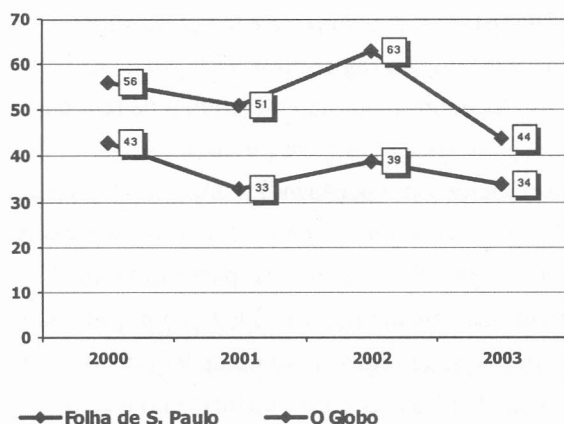


Gráfico 4

Ocorrência das palavras-chave relacionadas “tecnologia & Amazônia”

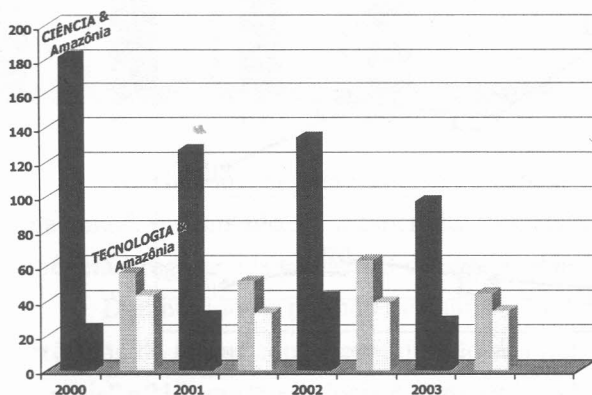


Legenda dos Gráficos 3 e 4:

No *O Globo*, os dados mostram certa irregularidade na cobertura, não apontando para nenhuma tendência forte de queda ou ascensão. Na *Folha de S. Paulo*, entretanto, em ambas as combinações de palavras-chave analisadas, a tendência é de redução da cobertura.

Gráfico 5

Comparação de ocorrências de textos com palavras-chave relacionadas “Ciência & Amazônia” e “tecnologia & Amazônia”



Legenda:

O tema “tecnologia”, quando relacionado à Amazônia, é menos ocorrente na mídia brasileira, mostrando que ainda é predominante naquela região a pesquisa básica, certamente apresentada pela palavra “ciência” nas notícias.

■ Folha de S. Paulo
■ O Globo

A relação entre os dados levantados na busca por palavras-chave isoladas e relacionadas dá uma idéia das proporções da presença da região amazônica sobre a cobertura de CT&I no país. De um montante de 13.935 textos que citam a palavra “ciência”, somente cerca de 4% das ocorrências têm relação com a região amazônica, conforme os dados da busca sobre o jornal FSP. No OG, não é diferente: do total de 4.274, apenas 3% indicam a relação. Quanto à palavra “tecnologia”, no FSP, as proporções da presença amazônica ficaram em 2% do total de 11.771 textos. O OG apresentou quase a mesma proporção, 2%, sob o total de 8.402 ocorrências.

A série de gráficos a seguir ilustra as proporções dessa análise comparativa:

Gráfico 6

Ocorrências “ciência & Amazônia” no montante de “ciência”
Folha de S. Paulo

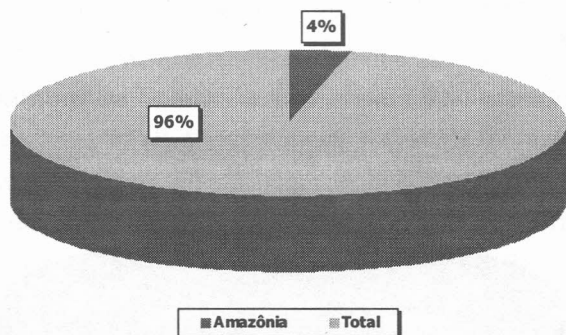


Gráfico 7

Ocorrências “ciência & Amazônia” no montante de “ciência”
O Globo

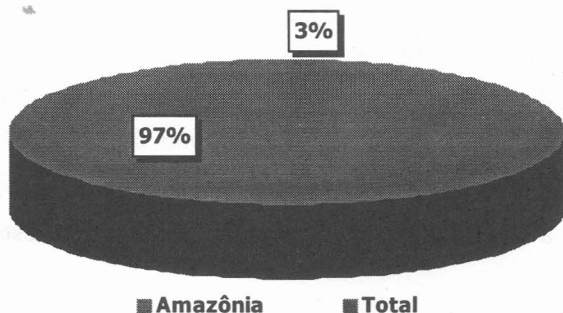


Gráfico 8

**Ocorrências “tecnologia & Amazônia” no montante de
“tecnologia” *Folha de S. Paulo***

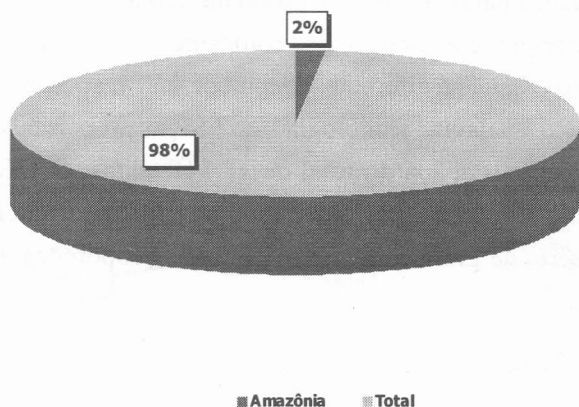
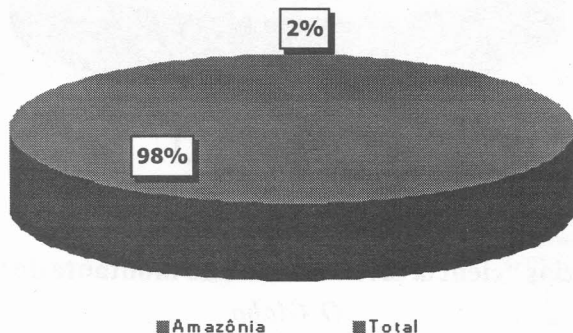


Gráfico 9

**Ocorrências “tecnologia & Amazônia” no montante de
“tecnologia” *O Globo***



Considerações finais

A análise dos dados sobre a presença de temas relacionados à Amazônia e a C&T indica uma cobertura jornalística restrita e alertam

para a lacuna de informações sobre uma das regiões de maior biodiversidade e riqueza sócio-cultural do planeta, apontando, também, para o fato de que a hipótese da comunidade acadêmica, científica e jornalística sobre o crescimento da cobertura da imprensa sobre a C&T talvez se reflita no surgimento de novos órgãos de comunicação, mas nem sempre é factível quando se trata da dimensão restrita de meios de comunicação consolidados no mercado, como os jornais *Folha de S. Paulo* e *O Globo*.

Os estudos mostraram uma tendência geral de queda da ocorrência dos temas em questão, apesar de ambos os jornais serem alguns dos maiores no mercado brasileiro e possuírem, inclusive, uma editoria específica direcionada para os temas científicos. Diferente do que se imagina, a cobertura da imprensa brasileira sobre temas relacionados à Amazônia e C&T não está aumentando; pelo menos, quando se trata de meios de comunicação consolidados.

Além disso, conforme a seleção da palavra-chave para o desenvolvimento da busca, podem ser apresentadas diferenças significativas nos resultados. Durante os estudos, também foi aplicada a busca pelas palavras-chave relacionadas “pesquisa & Amazônia”, resultando num universo bem mais amplo de ocorrências. Os dados foram desconsiderados porque o termo “pesquisa” também é aplicado para muitos outros casos que possivelmente estariam inseridos no montante de ocorrências (censos, estatísticas, opinião pública etc.) e, portanto, não refletiriam fielmente a realidade proposta pelo estudo.

Certamente há necessidade de ampliar a abrangência desse estudo para mais empresas jornalísticas para se obter dados mais seguros sobre a realidade. Entretanto, os resultados mostrados pelos casos dos jornais *Folha de S. Paulo* e *O Globo*, com base em dados concretos gerados por uma simples busca por palavras-chave sobre os arquivos dos jornais, já indicam para uma tendência totalmente contrária ao discurso predominante de que a cobertura sobre temas científicos tem aumentado; o que causa preocupação devido à importância da popularização do conhecimento científico e tecnológico – questão desafiadora especialmente quando se trata de Amazônia.

Os levantamentos também apontam para uma tendência de maior cobertura sobre o tema “tecnologia” em comparação à “ciência”, no caso do jornal carioca, e o contrário, quando se trata da cobertura paulista, indicando, possivelmente, um reflexo da concentração das maiores instituições de pesquisa e ensino do País no Estado de São Paulo e a cobertura de experimentos relacionados às “ciências duras”, especialmente conhecimentos de ligação menos direta com demandas sociais (ciência aplicada, tecnologia e inovação).

Vale ressaltar que a escolha de “que eventos são reportados (na mídia) não é um reflexo da importância intrínseca desses eventos, mas revela a operação de um complexo e artificial uso de critérios para seleção. (...) Portanto as notícias são uma *prática*: um discurso que, longe da neutralidade, reflete a realidade social e fatos empíricos” (FOWLER, 1996: 2). A flexibilidade de publicação das pautas científicas, por não serem matérias de última urgência, facilita a sua substituição por outras notícias de importância imediata ou de maior impacto social, ou simplesmente pela entrada de um anúncio publicitário, que traz maior retorno financeiro à empresa jornalística.

Sabendo-se do poder de influência da imprensa na formação da opinião pública e no direcionamento de políticas públicas e de investimentos privados no país, enfatiza-se, ainda mais, a preocupação sobre este cenário que mostra uma tendência de redução da cobertura jornalística sobre os temas “Amazônia” e “C&T”, que são estratégicos e de extrema importância para o País.

Referências bibliográficas

CAPOBIANCO, João Paulo Ribeiro [et al]. *Biodiversidade na Amazônia Brasileira: avaliação e ações prioritárias para a conservação, uso sustentável e repartição de benefícios*. São Paulo: Estação Liberdade/ Instituto Socioambiental, 2001.

FOLHA DE S. PAULO. *Homepage oficial*. Disponível em: <<http://www.folha.com.br/fsp>>. Acesso em agosto de 2004.

FUNDAÇÃO DE AMPARO À PESQUISA DO ESTADO DE SÃO PAULO. *Indicadores de Ciência, Tecnologia e Inovação em São Paulo – 2001*. FAPESP. Coordenação geral de Francisco Romeu Landi. São Paulo: FAPESP, 2002.

FOWLER, Roger. *Language in the news: discourse and ideology in the Press*. London: Routledge, 1996.

INSTITUTO VERIFICADOR DE CIRCULAÇÃO, IVC. *MÍDIA DADOS 2005*. Grupo de Mídia São Paulo, 302, 303, 309 e 318 pp., 2005.

MINISTÉRIO DA CIÊNCIA E TECNOLOGIA. *O debate necessário – Ciência, Tecnologia e Inovação: Desafio para a sociedade brasileira – Livro Verde*. Coordenado por Cylon Gonçalves da Silva e Lúcia Carvalho Pinto de Melo. Brasília: Academia Brasileira de Ciências, 2001.

NAÇÕES UNIDAS PARA EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E CULTURA. *Gestão da Água no Brasil*. UNESCO. Carlos E. M. Tucci (org.). Brasília, 2001.

O GLOBO. *Homepage oficial*. Disponível em: <<http://www.oglobo.com.br>>. Acesso em agosto de 2004.